

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

| | | | | | | |
|-----------|----------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|----------------------------------|----------|-------|
| 5. ANNO | PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) | | PORTO—15 DE JUNHO DE 1881 | PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) | | N.º 6 |
| | (REINO) | | | ESTRANGEIRO) | | |
| | Trimestre..... | 350 réis | | Trimestre..... | 600 réis | |
| | Semestre..... | 700 | | Semestre..... | 1200 | |
| Anno..... | 1400 | ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 406, 1.º | Anno..... | 2400 | | |

Capacetes de metal

Hoje, que parece haver entre nós tendencia para a substituição dos capacetes de couro pelos de metal, do que já temos o exemplo no Porto na corporação dos voluntarios e em outros da provincia que estão em via de organização ou de reconstrucção, vem muito a proposito darmos á estampa alguns modêlos.

Representa a nossa vinheta o capacete de metal, fabricado por Shand Mason & C.ª, de Londres, e adoptado pela brigada de bombeiros da mesma cidade. Difere em formato do capacete francez, e muito mais ainda do padrão adoptado pela corporação de bombeiros voluntarios d'aquí, cujo modêlo foi baseado em ambos aquelles, mas que, a nosso ver, é de muito maior utilidade e elegancia.

Nós, pela nossa parte, somos apologistas do capacete de sola pelas razões que já por mais do que uma vez temos apresentado n'este periodico e não podemos deixar de lastimar que agora se comece entre nós a dar preferencia ao capacete de metal, preferencia esta que só podemos attribuir á fascinação que necessariamente deve produzir nos espiritos fracos, o brilho do dourado metal, fazendo-lhes suppôr que ficam valendo mais aos olhos do publico que os admira, mas que, diga-se de passagem, não está n'estes casos á altura de os comprehender.

Não é o traje que faz o bombeiro—são os seus actos.

Eis singelamente apresentada a nossa opinião a respeito de capacetes de metal. Que cada um a comente como quizer, seguindo-a ou regeitando-a, pouco nos importa; mas no emtanto o nosso dever manda-nos dizer a verdade, o que temos sempre feito até hoje, mirando unicamente ao interesse geral das companhias contra incendios.



Soccorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINCÇÃO DOS INCENDIOS E SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º 5)

Succede muito frequentemente, sobretudo durante os espectaculos, communicar-se fogo aos objectos de vestuario dos actores ou actrizes.

Taes accidentes tem sempre consequencias desastrosas a menos que os soccorros não sejam promptos.

O perigo, provém, especialmente da intensidade que o incendiado dá á chamma quando foge e da direcção que esta naturalmente toma quando a pessoa em quem se manifestou o fogo fica de pé. O mais conveniente será rolar-se pelo chão procurando abafar as chammas e procurar a agua quando a haja nas proximidades.

Para prestar um soccorro eficaz a essas pessoas, dever-se-ha depois de as deitar no chão,

envolver-as n'um tapete, cobertor, capa ou qualquer peça de vestuario, de lã.

Dever-se-ha ter sempre á mão quaesquer cobertores ou pannos humidos durante as representações nos circos, theatros, concertos, bailes, etc.

CAPITULO III

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SALVAÇÃO NOS INCENDIOS

1—Disposições geraes

Succede nos incendios o que succede em outros acontecimentos graves que se produzem e se succedem

em intervallos mais ou menos longos. Estas catastrophes sobressaltam com justa razão o publico e as suas particularidades são sempre diversamente commentadas. D'ahi os elogios ou as recriminações exageradas, raras vezes em harmonia com as difficuldades do trabalho. Olhando só para os resultados obtidos, só secundariamente se occupam da bravura e do tacto posto em pratica, para attenuar, tanto quanto possivel, as consequencias d'essas catastrophes.

Longe de nós a idéa de contestar ou mesmo limitar os direitos de critica da imprensa, porque os effeitos salutaros da sua censura sobre os serviços publicos são bastantes conhecidos.

Façamos no entanto notar que nos incendios se vêem quasi sempre os mesmos trabalhadores, inspirados pelos mesmos sentimentos e que não é admissivel que dêem n'um dia mais provas de dedicação que no outro e accrescentemos que nos parece injusto tornal-os responsaveis pelos accidentes mais ou menos desastrosos que succedem antes ou durante os trabalhos.

Mas, se é verdade que o acaso e a fatalidade representam um grande papel nos sinistros e multiplicam por vezes n'uma proporção aterradora as victimas do fogo, forçoso é tambem reconhecer que em muitos casos algumas vidas humanas poderiam ser poupadas e que se não pôde considerar o sacrificio d'ellas como sendo de necessidade absoluta e indicada pela sorte.

Por outro lado é evidente que os serviços publicos são impotentes para prevenir de per si só esses accidentes, porque, por mais diligencia que se empregue, é preciso necessariamente o tempo moral de prevenir os bombeiros: estes têm necessidade d'alguns minutos para trazer e organizar os soccorros, e esse intervallo, por mais curto que possa ser, basta para que a asphyxia consuma a sua obra. E depois, ao chegar deante d'um edificio incendiado, os bombeiros ou outros salvadores ignoram a maior parte das vezes que ha pessoas em perigo ou pelo menos não conhecem nem o aposento onde ellas se acham, nem os meios de lá chegar de prompto. Por pouco que se tenha visto o que se passa nos incendios, reconhecem-se as difficuldades e as hesitações inherentes ao trabalho em simillhantes circumstancias. Suppondo mesmo que tudo isso seja conhecido, quantas vezes succede que o fogo toma em alguns minutos taes proporções que a salvação se torna senão impossivel ao menos extremamente perigosa e que apesar de toda a celeridade e intelligencia empregadas, só se consegue tirar cadaveres?

Por isso todas as cidades populosas, mesmo aquellas onde a organização dos soccorros publicos nada deixa a desejar, tem as suas victimas do fogo: nada o demonstra melhor do que a estatistica seguinte das pessoas que morreram nos incendios do primeiro de janeiro de 1869, ao primeiro de janeiro de 1879, isto é, no espaço de dez annos: em Londres, 269; em Paris, 48; em Berlim, 21; em Napoles, 19; em Lyon, 12; em Glasgow, 10; em Bruxellas, 9; em Amsterdam, 8; em Hanover, 7; em Bordeos, 4; em Colonia, 4; em Trêvise, 2; em Rotterdam, 1.

Pergunta-se naturalmente se ha remedio para um estado de cousas tão triste, tão deploravel, e na affirmativa, a quem cabe introduzil-o. Questões delicadas, problemas difficeis, cuja solução interessa á humanidade inteira, mas que seria temerario querer elucidar completamente quando escriptores auctorisados se não atreveram a fazel-o.

Não hesitamos comtudo a tratar francamente a

questão, e, para esse fim, consideraremos a salvação sob dois pontos de vista bem distinctos:

- 1.º Precauções a tomar pelos habitantes.
- 2.º Soccorros publicos contra fogo.

(Continua).

G. A. JAUCK, DE LEIPZIG

Estes acreditados fabricantes de bombas e utensilios para extincção de incendios, acabam de nomear seus representantes em Portugal, os sr. Guilherme Gomes Fernandes & C.ª.

E' caso para felicitar os representados porque a notavel intelligencia, competencia, e actividade do nosso estimavel amigo, Guilherme Gomes Fernandes, são sobeja garantia da maneira como serão tratados os negocios do sr. G. A. Jauck. A excellencia dos seus productos está demonstrada na magnifica machina que possui a Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, machina que foi fabricada pelo mesmo.

INCENDIOS NO PORTO DE 1 A 15 DE JUNHO

6 de Junho.—As 8 horas e meia da manhã, Vielha de Liceiras n.º 74. O incendio declarou-se n'uma porção de alcatrão arrecadada n'uma barraca que pertencia e era occupada por Miguel Pereira Soares. Os prejuizos foram insignificantes. Compareceu em primeiro lugar a bomba e carro dos bombeiros voluntarios, seguindo-se a municipal n.º 1, não sendo necessarios soccorros alguns.

8 de Junho.—A's 4 horas e um quarto da tarde. Travessa da Povoa. O fogo que se declarou n'um matto e giestas d'uma bouça pertencente a José Teixeira da Silva Braga, causou insignificantes prejuizos. Suppõe-se que não foi casual. A primeira bomba que compareceu foi a dos bombeiros voluntarios com o respectivo carro, chegando em seguida a municipal n.º 6, não sendo necessarios os seus serviços, pois que os visinhos extinguiram o incendio.

8 de Junho.—A's 11 horas e um quarto da noite. Rua do Sá da Bandeira. Propriedade de José Henriques Gonçalves, occupada por Gonçalves & C.ª que alli têm estabelecido o hotel Alliança. O incendio que se declarou na fuligem da chaminé foi extinto pela gente da casa, não se tornando necessarios os soccorros da bomba dos bombeiros voluntarios que compareceu no local.

10 de Junho.—A's 6 horas da tarde. Rua do Almada. Propriedade do dr. Joaquim Bernardino Cardoso e de que é inquilino Domingos Alves Azevedo. Suspeita d'incendio em vista da quantidade de fumo que sabia pela chaminé quando se procedia á experiencia d'um fogão. Chamadas pelos toques das torres compareceram em primeiro lugar a bomba municipal n.º 1, seguindo-se-lhe a dos bombeiros voluntarios e o pessoal e material do districto respectivo.

12 de Junho.—A's 5 horas e meia da tarde. Circumscripção de Villa Nova de Gaya. Deu causa ao alar-

me o estar ardendo uma porção de matto na fralda da Serra do Pilar. Compareceu o pessoal e material que acode áquella circumscripção, chegando em primeiro lugar a bomba do município de Villa Nova de Gaya, e em seguida a n.º 4 do município do Porto e a dos bombeiros voluntarios, cujos serviços não foram utilizados, pois que o incendio de per si se extinguiu.

12 de Junho.—A's 10 horas da noite. Praça de Carlos Alberto n.º 105. Propriedade da viuva Ferreira, occupada por Balbina Rosa. A explosão d'um candieiro de petroleo deu causa ao incendio que a gente da casa dominou, causando leves prejuizos, não sendo precisos os socorros publicos. A casa tinha seguro na Bonança. A primeira bomba a chegar foi a municipal n.º 3 seguida da bomba e carro dos bombeiros voluntarios.

13 de Junho.—A's 8 horas e um quarto da manhã. Casa n.º 9 da ilha do Marques, na rua da Senhora das Dores, de que é inquilino Antonio Manoel. O incendio a que deu causa o lume do fogão, a pouco estendeu os seus estragos, extinguindo-o a visinhança sem dependencia dos socorros publicos. Acudiu o pessoal e material do respectivo districto, bem como o dos bombeiros voluntarios.

13 de Junho.—A's 7 horas da tarde. Rua do Val Formoso n.º 127, mercearia de Antonio Rodrigo. Originou o incendio, cujos prejuizos não são de grande monta, um foguete que rebentou dentro da loja. A' chamada das torres compareceram o material e pessoal de incendios do districto a que pertence aquelle local, e bem assim o pessoal e material dos bombeiros voluntarios.

Correspondencias

LISBOA, 13 DE JUNHO DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Vejo-me bastante embaraçado para me desempenhar hoje da tarefa que me impuz de enviar quinzenalmente uma correspondencia para o *Bombeiro Portuguez*, pois que me escasseia o assumpto.

No emtanto como é forçoso cumprir, ahí vae o pouco que posso noticiar aos meus benevolos leitores.

—No mez de maio que acaba de findar, houve n'esta cidade vinte e dous incendios, a maior parte dos quaes sem importancia.

—Em attenção ao acto de abnegação e coragem que praticaram em a noite de 3 de janeiro d'este anno, por occasião do incendio occorrido no predio n.º 220 da rua do Ouro, conseguindo com risco de vida retirada escada do predio incendiado o policia n.º 80 da 2.ª divisão que se achava asphixiado e banhado em sangue, foram agraciados com a medalha de prata para distincção e premio concedido ao merito, philantropia e generosidade o bombeiro voluntario Antonio José Sampaio Junior, o bombeiro municipal n.º 63, Fernando Augusto d'Oliveira, e o soldado n.º 133 da primeira companhia da guarda municipal, Joaquim Felix.

—A camara recebeu do sr. ministro do reino os diplomas e medalhas com que foram agraciados Eduar-

do Augusto dos Santos Rodrigues, bombeiro municipal n.º 62, e Antonio Rodrigues Izidro, bombeiro n.º 69.

—A associação do serviço de ambulancias em incendios, a que por vezes me tenho referido, já tem promptas as suas fardas que foram feitas no estabelecimento Coimbra, da rua Augusta. As fardas são de panno azul ferrete com uma abotoadura na frente avivada de carmezim, com gola de veludo da mesma côr bordada a ouro, charlateiras e cinto de polimento com uma mala presa ao mesmo, onde levam os primeiros medicamentos.

Alguns dos voluntarios são alumnos da escola medica, e differencam-se pelo canhão carmezim com espiquilha de ouro. Os bonets são eguaes para todos; são como os de marinha avivados de carmezim para o pequeno uniforme, e capacetes com uma cruz vermelha na frente para o grande uniforme.

—Quando me disponho a fechar esta correspondencia, as torres chamam os socorros para um violento incendio que se declara na Cordoaria nacional, á Junqueira.

C.

INCENDIOS NAS PROVINCIAS

No dia 3 do corrente, houve em Braga, pelas 6 horas da manhã, incendio na quinta chamada do Conego, na freguezia de Real, de que é proprietaria D. Dorothea de Noronha e Menezes.

O fogo teve principio em uma porção de herva ou semente que estava depositada em um varandão que fica na trazeira da casa, estendendo-se á parte central que ficou reduzida a cinzas.

Apesar de nas torres da cidade não ser dado o signal de incendio, compareceram no local os commandantes dos voluntarios e municipaes, bem como algumas praças com o respectivo material, prestando todos os socorros que poderam.

Os prejuizos estão avaliados em perto de dous contos de réis.

Em Thomar, no dia 2 do corrente, houve principio de incendio sem importancia na quinta de Santo André, pertencente a D. Maria de Nazareth Motta Guimarães.

Em Faro tambem houve um principio de incendio em casa d'um fogueteiro, no largo do Pé da Cruz.

No dia 7 do corrente, pelas 7 horas e um quarto da tarde, manifestou-se em Coimbra, um incendio em uma casa ao fim da Sophia, Fóra de Portas, antigamen-

te hospital dos Lazaros, e pertencente aos herdeiros do sr. Gonçalo Telo, de Villa da Rainha.

A casa era occupada pela officina do fogueteiro Francisco Mendes que alli tinha armazenada grande porção de fogo de artificio já preparado. Foram geralmente notados os bons serviços prestados pelo nosso amigo Guilherme Augusto de Lima Nunes, chefe dos bombeiros e pelo seu subordinado Simão Francisco.

A primeira bomba que acudiu foi a n.º 2, aquartellada na Praça do Commercio.

Em Elvas houve principio de incendio nos baixos da casa que occupa o sr. Domingos Antonio da Costa.

INCENDIO NA CORDOARIA NACIONAL DE LISBOA

Houve ante-hontem um incendio n'este importante estabelecimento do Estado.

Com a devida venia transcrevemos do nosso excellent collegia da capital *O Diario de Noticias* a descripção do sinistro.

Ja hontem (13) sendo inteiramente destruido por um violento incendio, esse grande edificio que no tempo da rainha D. Maria I, e por occasião da intentada regeneração da nossa marinha de guerra, se levantou á beira rio, no sitio da Junqueira, para a fabricação das cordagens necessarias aos navios do estado, e que se prolonga n'um vasto espaço da margem direita do Tejo entre Alcantara e Belem. Esse importante estabelecimento, a cujo pessoal e officinas ainda hoje o orçamento do estado consagra uma dotação annual superior a oitenta e seis contos, senão fosse a presteza e actividade dos soccorros, bem como a resistencia poderosa da sua construção, que tem ainda o cunho da época pombalina, teria desaparecido completamente com o fogo, que, por volta das dez horas da manhã de hontem, ali se desenvolveu na parte do edificio que está exposta ao nascente, conjuncta ao asylo da Junqueira, pertencente á sociedade das casas de asylo da infancia desvalida, e um dos seus mais antigos, e nas casas occupadas provisoriamente pelo deposito dos mendigos que o sr. governador civil tem tirado das ruas. A cordoaria foi fundada em 1788, e fornece todas as cordagens e todo o panno para vélas aos navios da esquadra. Tem recebido melhoramentos importantes nos meios machanicos da sua producção, e n'um documento official recente lemos que ella póde rivalisar com os estabelecimentos analogos do estrangeiro na perfeição e bondade dos seus productos, sendo certo que estes obtiveram premios nas ultimas exposições universaes: Pariz, 1867; Vienna, 1873; Philadelphia, 1876; Paris, 1878, como já o tinham obtido na exposição internacional do Porto em 1861. A maior officina d'este vasto estabelecimento, aquella em que se fazem as amarras e cordagens, tem duzentas braças de comprimento.

Foi pelas 12 horas da manhã que se deu o signal de alarme. Varias pessoas que passavam pela rua da Junqueira e o padeiro que fica fronteiro ao extremo do edificio do lado da praia, viram que saia muito fumo pelo telhado do edificio, e logo gritaram que havia fogo. Começara este a romper na officina de fiação de tecidos de linho, que está no pavimento superior, que tem o comprimento de 60 metros por 30 ou 1:800 metros quadrados. Esta officina era dividida ao centro por sete grandes arcos de alvenaria e cantaria; onde se fazia a feira, havia dois madeiramentos. Trabalhavam ali umas 80 mulheres; n'essa officina havia nove rodas e dez sarilhos. Desde sabbado que ali se não trabalhava.

O fogo, segundo se diz, foi causado por combustão no linho que havia no armazem que fica inferior ao local onde estavam em deposito cerca de 35:000 kilos de linho cherva para cabos, e 35:000 kilos de linho branco. O incendio rompeu do lado do mar, e estendendo-se por todo o edificio, o destruiu n'essa parte, queimando os seus grossos e bons vigamentos, e arrasando a officina. Acudiu logo algum pessoal do estabelecimento com duas bombas, seguindo-se as do concelho de Belem 1, 2, 3, 7, e 9, que começaram o ataque, havendo alguma dificuldade pela maré estar cheia e não poder ser geral o ataque. Continuavam a chegar as machinas dos reaes voluntarios da Ajuda e as de Belem e as de Lisboa e dos Oliveaes. A esse tempo já o sr. inspector geral Carlos Barreiros mandára avançar as bombas n.ºs 1, 11, 13, 17, 18 e 19, e carros 24, 25, 28 e 31, além das que acudiram de bordo de todos os navios de guerra, surtos no Tejo, e do quartel dos marinheiros, e todo o pessoal dos marinheiros, operarios, praças de cavallaria 4 e de lanceiros 2 do ultramar, e infantaria 1, procurando a maneira de dominar o incendio, o que foi conseguido pelas 2 horas da tarde, depois de heroicos esforços.

A' uma hora e meia da tarde appareceu el-rei o sr. D. Luiz, acompanhado pelos srs. contra-almirante Andrade e conde Linhares, que se dirigiu ao sr. Lapa, ajudante do iuspector, que era quem determinava, certificando-se de que já não havia perigo. Estiveram os srs. presidente do conselho, Sampaio e ministro da marinha, Julio de Vilhena; o director do edificio, o sr. conselheiro Costa e Silva, o superintendente, Alvaro, chefe da 1.ª divisão, Julio de Vasconcellos engenheiro, governador civil, commandantes das guardas municipaes, os coroneis dos differentes corpos e Carlos Barreiros. A companhia do americano poz todas as carroças com agua. El-rei demorou-se muito a examinar minuciosamente as circumstancias do sinistro. Os prejuizos podem-se calcular em 25 contos de reis. Nos trabalhos foram feridos o marinheiro 10 da 1.ª, n.º 65 do transporte *Africa* Joaquim Marcellino, e o conductor do carro n.º 25, José Jacinto, que recebeu os soccorros pelo serviço da ambulancia dos voluntarios, sendo conduzido depois ao hospital de S. José onde ficou em tratamento.

Ao fogo na cordoaria, compareceram os srs. Heredia, director da alfandega de Lisboa; Raposo de Carvalho, chefe da fiscalisação do porto; Monte-verde, chefe da delegação no lazareto e D. Joaquim de Mello,

chefe fiscal da margem norte do Tejo; vinte guardas e 40 remadores. Duas lanchas a vapor e dois escaleres a remos transportaram quatro machinas de acudir a incendios, as quaes foram empregadas em combater o fogo do lado do mar e em refrescar as paredes dos armazens da alfandega em Porto Franco, contiguos ao pavilhão incendiado.

A's 6 horas eram mandados retirar o pessoal e material de Lisboa por não ser já preciso, ficando o rescaldo quasi concluido. Estiveram de prevenção, durante a noite, uma força de marinheiros e algum pessoal e material do concelho de Belem.

A concorrência do povo foi grande.

INCENDIOS NO ESTRANGEIRO

No principio do corrente mez, um incendio destruiu em Londres trinta casas e varias officinas e escolas.

Acaba de succeder na Russia um terrivel sinistro. A cidade de Pwisk foi quasi totalmente destruida por um incendio. Tinha a cidade cêrca de 20:000 habitantes, dos quaes morreram 43, ficando feridos, queimados e contusos mais de 300. Os prejuizos são colossaes. O fogo ateiou-se ao escurecer, acceso por uma faísca electrica, no meio d'uma medonha trovoadá. Um furioso vento, que caiu em seguida sobre a cidade, fez com que o incendio tomasse as enormes proporções a que chegou.

A maior parte da população teve de acampar nas praças e nos arrabaldes em barracas de lona e lençoes, aproveitando-se de tudo que servia para dar um simulacro de abrigo!

Foi destruido por um incendio o theatro Bayamonti, em Spalato, cidade da Dalmacia.

Em Quebec, no Canadá, houve um pavoroso incendio que destruiu quasi totalmente o bairro Saint-John.

São calculados em 2 milhões de dollars as perdas materiaes. Estão 1:500 familias sem abrigo. Foram presa das chammás 800 predios.

Ultimamente occorreu em Gracia (Barcelona) uma explosão horrivel, na casa e officinas do pyrotechnico Esteve. Incendiaram-se grande quantidade de ingredientes, quando os estavam preparando para o fabrico de fogos de artificio. O incendio lavrou tão repentinamente que não foi possivel dominá-lo em quanto não vieram as bombas e auctoridades.

Infelizmente ha a registrar a morte de Esteve pae e filho, encontrando-se o cadaver d'este completamente carbonisado.

Varias noticias

Em consequencia d'uma ordem expedida pelo sr. inspector geral dos incendios, a 1.ª brigada do corpo de bombeiros municipaes teve exercicios, o 1.º no sabado, 4, pelas 4 horas da manhã e o 2.º no domingo, 5, ás mesmas horas.

Os exercicios realizaram-se no quartel da escola em S. Lasaro, sendo commandados pelo inspector o sr. Eduardo Augusto Falcão.

Os bombeiros voluntarios de Penafiel representam no dia 16, em beneficio da sua associação, o drama, *Nobresa do Artista*, e as comedias, *Um marido em calças pardas*, *Um casamento á pistola*, e *A espadelada*.

Houve ultimamente em Coimbra, no theatro Academico, assemblêa geral, convocada pela direcção da *Associação Academica dos bombeiros voluntarios*, a fim de serem convidados todos os estudantes a pertencer a esta sociedade.

Entraram mais para a commissão de direcção e organização dos estatutos os srs. Antonio Tiburcio Pinto Carneiro de Vasconcellos, alferes; Antonio Teixeira de Vasconcellos, do 3.º anno de Direito; e Joaquim de Paula de Aguiar, estudante militar.

As nascentes associações de bombeiros voluntarios de Vianna e Penafiel, fizeram encommenda do seu material á acreditada casa de G. A. Jauck, de Leipzig, de que é representante o nosso amigo, o sr. Guilherme Gomes Fernandes.

Publicações recebidas

Recebemos as seguintes, que agradecemos:

O n.º 6 da *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Traz artigos valiosos firmados por Augusto Luso da Silva, Dr. Ferreira da Silva, Dr. E. H. Brandt, Paul Ritcher e Tito de Noronha.

O n.º 4 do *Constructor*, publicação utilíssima especialmente destinada aos conductores d'obras publicas, constructores e industriaes. E' habilmente redigido e veio preencher a immensa lacuna da falta de publicações d'este genero em Portugal. Aos seus proprietarios, Albino Acacio Corrêa Neves e Francisco Liberato Telles de Castro da Silva o nosso parabem, desejando ao seu importante jornal uma longa vida e prosperidade.

A *Revista de Medicina Dosimetrica*, publicação mensal redigida por Oliveira Castro.

Os n.ºs 31 e 32 da *Vida Moderna*, destinada á vulgarisação scientifica e de conhecimentos uteis. E' seu proprietario o conhecido jornalista José Antonio Castanheira.

Os n.ºs 1 e 2 do *Boletim Litterario*.

Os n.ºs 161 e 162 do semanario *Illustrado*, *O Sorvete*. O lapis bem apartado de Sebastião Sanhudo em competencia com a penna finamente humoristica de Vicente Galhardo tem tornado este semanario interessantissimo. Testemunho, o fervoroso acolhimento que o publico lhe dispensa dia a dia.

Os n.ºs 36 e 37 do semanario humoristico, *O Zé Povinho*.

O n.º 4 do *Freguez*, publicação mensal. Traz uns artiguinhos que denotam ser os seus redactores uns homensinhos.

Braz.

Chronica Quinzenal

A quinzena correu pouco fertil em acontecimentos dignos de chronica.

Tem cahido sobre nós um calor tropical que faz redobrar a semsaboria. Escasseia o tempo para procurar a sombra e enxugar o suor dos poros dilatados. Ha o cansaço do espirito a correr parellhas com o cansaço do corpo. A preguiça converteu-se em epidemia. Ha um instinctivo horror pelo trabalho, um desejo immenso de nada fazer.

Eu, que lhes estou escrevendo, tenho grandes abrimetos de bocca, uma vontade de dormir inexplicavel. Sinto-me enfartado e bronco como um frade bernardo. E' n'estas disposições que me preparo para escrever. Avaliem o que é que d'aqui pôde sahir. O tinteiro afigura-se-me um rosto cynico e esta tira de papel que vou enchendo lentamente, pesadamente, esguia, amarrotada, com nodos de tinta da penna que se recusa escrever, uma bocca enorme que se torce nas contorsões d'uma gargalhada de escarneo. Pessimas condições d'espirito para quem se propõe *deleitar* por alguns mo-

mentos a benevola attenção dos leitores d'este periodico. Tem de ser.

O paiz esteve sobre um abysmo, a bancarôta imminente, a republica proclamada e o nosso bom rei, o cidadão mais inoffensivo do paiz, em vespuras de provar no exilio o famigerado caldo negro de Sparta.

Estas vozes sabiam dos arautos progressistas. Tinham-se aberto as camaras. De todos os lados tinham corrido os eleitos do povo cheios de boas intenções — de continuar a embolsar o pingue ordenado. Fallavam de tolher a marcha ao governo, recusar-lhes a lei de meios, obrigar-o a pedir a demissão só porque elles tinham tido a velleidade de governar mal e o bom senso de se despedir na occasião em que lhes faltava o terreno debaixo dos pés. O arrependimento veio depois e dispunham-se a fazer a figura dos *bébés* teimosos que querem e não querem.

No dia da abertura compareceu todo o ministerio. O bonacheirão Sampaio, esticou os pellos do seu bigode e insufflou as suas intenções no espirito juvenil do Lopo Vaz. Este, ergueu-se, fincou os punhos em posição marcial e graciosa no tampo da secretária e annunciou aos representantes do povo (phrase politica,) que a camara ia ser dissolvida.

A desordem penetrou na feira. Ouviam-se exclamações indignadas, phrases azedas, ameaças a cheirar a sangue. Os representantes tonsurados cruzaram beatificamente os braços e levantaram os olhos para o ceu, amortecidos n'um pasmo idiota. D'um d'elles sahiram estropiadas as meigas palavras do Christo: — *Dimite illis, pater, quid nesciunt quod faciunt*.

No centro progressista tocou a capitulo. Nem um só faltou. Em cada orador havia um *Marat*. Fallou-se, berrou-se, gesticulou-se e... acabou-se. Uma commissão foi nomeada para ir ao paço de palmatoria em punho e sobraçados os compendios do sr. José Felix, mostrar a Sua Magestade o erro de tal passo, a levandade d'uma resolução que tornaria o paiz sublevado e — sosegado. Sua Magestade ao recebê-la tinha engatilhado aquelle sorriso que tem sempre de remissa para as occasiões dos saltos mortaes da politica. Nunca na sua vida foi mais amavel! Um verdadeiro torrão de assucar! Lembrou pela centesima vez a vontade que sempre teve de dirigir o paiz pelo melhor caminho e invocou para testemunho das suas palavras o proprio sr. Braamcamp. S. ex.ª recebeu o bote em cheio, enguliu em secco e quando o pigarro lhes restituiu a falla pôde emfim confessar que Sua Magestade era — uma Escripura.

E desfilaram um a um, sombrios e imponentes como os gendarmes balofos dos *Brigands* de Offenbach, cheios d'umas grandes esperanças, d'uns contentamentos d'orgulho satisfeito.

Elle atrevia-se lá a mandal-os dispersar! Isso sim. Dias depois era lido nas duas camaras o decreto da dissolução. A leitura decorreu por entre ranger de dentes e gritos soffucados de pasmo. Os echos de S. Bento repetiam interjeições terriveis como esta: — Oh! Ah! Ih! Uh!

Um terror, um verdadeiro terror. Até o sr. Rodrigues de Freitas enterrou até aos olhos, em plena sala, o seu barrete phrygio, perdão, o seu chapéu de pasta.

Gritaram que era uma infamia, que o paiz sabe-

ria as torpezas da situação actual, que lhe iam mostrar que importantes eram as ideias do partido progressista, (quando opposição), e enfim que seria profusamente distribuido um manifesto para abrir os olhos a quem os conserva fechados etc. etc.

Por fim a historia velhissima da montanha com dôres de parto.

Esteve imminente um duello.

O sr. Saraiva de Carvalho passava um dia em companhia d'um amigo por uma rua qualquer de Lisboa. De repente abre-se a janella d'um predio e uma voz colerica, rabiosa, rouca, despejou-lhe sobre a cabeça, como talos de couve, os seguintes epithetos que nem primam pela delicadeza nem pela suavidade: — Canalha! Biltre! Pulha! etc., etc.

O sr. Saraiva enfiou. Levantou a cabeça e pergunta: — «Isso é commigo?»

Resposta de cima: — «Pois então com quem?»

O sr. Saraiva córou e provavelmente resmungou por entre dentes: — «Bebedo!»

Ao outro dia, dous amigos do sr. Saraiva procuravam o sujeito dos epithetos, o sr. Palma Velho, um integerrimo militar, a quem o sr. Saraiva, dizem, quando ministro desconsiderou, e regularam as condições d'um duello.

O que é certo é que a cousa constou. Um jornal indiscreto levantou a cortina, soprou umas vagas allusões, que foram bater em cheio no peito do sr. Arrobas. S. ex.^a fungou e mexeu-se, agarrando-os com a bocca na botija. Gorou o duello. Ultimamente sabe-se que os duellistas se harmonisaram dispensando d'este modo as dedeiras, o adesibo e o balsamo cuspo.

Os jornaes sérios deram esta noticia com a epigrapha — *Antes assim.*

Antes assim, diremos nós tambem, tendo a compensar-nos um quadro mais realista. Ha poucos dias um fadista na rua de S. Marçal fez do corpo d'uma meretriz uma bainha para a sua navalha afiada. Esta rua tem uma lenda sinistramente fatal. Com este assassínio já são tres que ella tem presenciado e as victimas, sempre essas desgraçadas que chafurdam na lama dos alcouces.

Sombriamente triste!

Estamos em plena quadra de festas campestres. Aos domingos despovoa-se a cidade e as aldeias circumvisinhas. Numerosos bandos deromeiros em descantantes felizes, tangendo as classicas banzas surgem de todos os cantos dirigindo-se e regressando dos arraiaes. Ao partir, cheios d'ardor, tem aquellas alegrias francas dos corações que com pouco se contentam e desaparecem em nuvens de poeiras sob os raios do sol

que ali bate em cheio na estrada e nas valletas onde vegeta uma erva calcinada e rara. Nem sentem o suor que os alaga provocado pelos trejeitos violentos d'umas danças desordenadas e monotanas! Ao regressar, vergados ao cansaço, cobertos de poeira, sujos, traseam as mesmas alegrias a despeito do desfallecimento de forças que os prosta. Nos chapeus, pessimas lithographias do santo festejado, attestam o seu fervor religioso e servem-lhe de recordação d'aquella tarde para elles tão bem passada.

Os trages variegados offerecem um aspecto agradável á vista.

N'estes dias o nosso bom povo costuma ataviar-se com o que tem de mais precioso em roupagens embóra todo o resto do anno ellas durmam nos prateleiros carunchosos e invadidas pela traça, das casas de penhõres abundantes n'esta cidade como os tortalhos no campo.

Costumam esperar anciosamente de anno para anno estas suas diversões favoritas, e, para concorrerem a ellas, passarão fome, mezes antes, mas n'estes dias a sua bolsa magra não regateia, esvasia-se com a maior liberalidade.

E' caso de dizer-se como o poeta:

«Ditosa condição extranha gente!»

A mocidade academica d'esta cidade a exemplo da da universidade organisou tambem o seu club «Orphéon». Tivemos occasião, para nós muito agradável, de os ouvir na visita que fizeram á redacção da «Folha Nova». Fomos deliciosamente surpreendidos pela harmonia e suavidade dos côros. Ouvimos-lhe cantar o hymno do club, que, se a memoria nos falha tem letra de Leite de Vasconcellos, a canção popular *Toma limão verde* e as coplas e respectivo côro do *Segredo d'uma dama*. — *E' a mulher um anjo mas cuidadinho etc.*

Não podemos dizer conscienciosamente qual das producções mais nos impressionou tão unisono era o conjunto das vozes, tão firme o vigor do canto. Surpreendente! Verdadeiramente delicioso!

Ninguem accreditaria, como depois nos disseram, que tinha sido diminuto o numero dos ensaios.

Felecitamos a mocidade academica e d'aqui lhe enviamos o nosso parabem, especialmente aos iniciadores de tão sympathica e entre nós moderna instituição.

N'estes ultimos dias os bombeiros tem andado em continuas correrias. Tem-se manifestado uma infinidade de incendios insignificantes sim, mas que nem por isso deixam de trazer consigo grande incommodo para os bombeiros.

Comparece o material e averiguado o motivo do alarme descobre-se que tinha pegado o fogo n'uma chaminé, n'um matto, n'um lenço d'assoar etc.

Interrogado o inquilino ou proprietario onde se manifestou incendio se a elle se deve a chamada dos soccorros responde ingenuamente: — *Não. Que o fogo tinha pegado e sido apagado em familia.*

Os officiosos, porque os ha sempre aos milhares n'estas occasiões, são os unicos culpados.

Estes factos evidenciam claramente as vantagens que para este serviço resultariam do estabelecimento de redes telephonicas ou telegraphicas.

Evitar-se-iam assim esses continuos alarmes que sobressaltam inutilmente o bombeiro.

Nas grandes cidades onde o serviço de incendios attingiu o seu completo desenvolvimento estão de ha muito supprimidos os toques das torres que só servem para produzir confusão pela maneira irregular com que d'elles se faz uso.

O acaso tem feito ameudadas vezes que depois d'um sem numero de incendios insignificantes se manifeste um respeitavel pela intensidade com que rebenta e pelos prejuizos que causa. E' isto que faz, como tantas vezes tenho ouvido, murmurar aos bombeiros: —Qualquer dia temos historia,

Ahi fica a prevenção
Cuidado com as luzes.

Os theatros estão em calmaria. N'esta estação costumam as companhias fazer a sua digressão pela provincia. Emilia Adelaide e a sua *troupe* já levantou vôo.

A *Princesa de Bagdad*, que trasia em ensaios, fica de remissa até Julho.

Despediu-se de nós com as *Duas Orphãs*, um velho drama da velha escola.

Ha vinte annos era o encanto do publico. Tem scenas que fazem rebentar chafarises, de lagrimas, bem entendido. Assassinatos, raptos, o diabo a quatro! Aquelle drama é uma *charge* de prantos, bensa-o Deus?

Emilia, adoravel no seu não muito longo papel. Alvaro, que tinha a lutar com um confronto terrivel, o de Antonio Pedro, houve-se com toda a distincção.

O publico manifestou-lhe o seu agrado, principalmente na scena da luta entre os dous irmãos.

Emilia Eduarda, perfeitamente á vontade no seu papel, foi realmente a digna mãe d'um bandido.

Verdial, muito bem. Vimos Gil no seu papel e francamente não o achamos melhor comprehendido.

Carlota Velloso e Palmyra, com costumam.

O resto muito discretamente.

A Emilia Adelaide desejamos-lhes uma felicissima digressão em receita. Os applausos pertencem-lhe por direito de conquista.

No Principe Real fez ultimamente Diniz o seu beneficio com os *Parentes e Trastes Velhos* e o *Dia de Juizo*.

Não nos demoraremos a commentar as peças escolhidas para o seu beneficio porque os jornaes d'esta cidade já d'ellas fizeram larga apreciação.

O publico acolheu-as com fervorosos applausos. Isso basta.

Diniz, Amaral, Maria Joanna e Carmen contribuíram poderosamente para o bom exito com que fóram recebidas.

Por enfermidade grave da actriz Manzoni, a actriz Amelia Garraio substituiu-a nos papeis que lhe combiam na *Perichole* e no *Ponpon*. Como era de esperar, Amelia Garraio houve-se discretamente na substituição se como cantora não igualou Manzoni, deu porém aos seus papeis o colorido e relevo necessarios que a cantora lhe não imprimia. Manda a verdade dizer que na parte cantante se houve muito notavelmente se se notar os poucos ensaios que a habilitaram para a substituição.

A companhia d'este theatro parte no dia 23 para Lisboa onde representará nos Recreios as operetas *Ponpon*, *Conspiradores na côrte*, *Dragões d'El-rei*, *Perichole* e *Sinos de Corneville*. O publico Lisbonense não deixará de certo de apreciar e festejar os nossos artistas.

Cremos que no dia 24 debuta n'este theatro a companhia de *D. Maria II*.

Aguardamos anciosamente esse dia.

Traz escolhido e variado repertorio. Isto, é o mesmo que dizer que as enchentes se contarão pelos espectaculos.

Ouf!!!

Até outra vez.

B. de Paiva.

ANNUNCIOS

THEATRO PRINCIPE REAL. — Companhia do theatro de D. Maria II, de Lisboa. Está aberta a assignatura para 6 recitas nos dias 24, 25, 26, 27, 29 e 30 de junho, com o seguinte repertorio:

Dramas — *Sara*, *Luzo*, *Dois Sargentos*, *Dora*, *Estrangeira*.

Comedia — *Grande homem*.

Preços — Camarotes de 1.^a ordem frente, rs. 4,5000, lados 3,5000; ditos de 2.^a ordem frente, 3,5000 reis, lados 2,5000; torrinhas, 1,5000 reis. Os camarotes por assignatura teem 10 por cento de obatismo.

Plateias — Superior 600 reis; geral 400: galeria frente 200; lados 150 reis.

— Em consequencia dos pedidos para a assignatura das recitas da companhia do theatro de D. Maria II, de Lisboa, a empreza roga aos frequentadores do theatro Principe Real que queiram assignar, o favor de prevenir com antecipação o camaroteiro do theatro.

Os bilhetes assignados serão entregues no dia 15, pedindo-se aos srs. assignantes, o favor de os mandar buscar n'este dia, até ás 9 horas da noite.

TYPOGRAPHIA

DE

ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO

LARGO DE S. DOMINGOS, 74

PORTO

Esta já bem conhecida typographia, acaba de ser consideravelmente augmentada com uma machina de grande formato e uma grande variedade de typos comuns e de phantasia, não só de fundições nacionaes como estrangeiras, e por isso pôde executar com a maior nitidez todos os trabalhos que lhe forem encarregados, por preços verdadeiramente economicos.

Tambem se imprimem bilhetes de visita de 300 a 1,5000 réis o cento.